



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



1º SEMESTRE 2018

Índice

| | |
|----------------------|---|
| Nota editorial | 7 |
|----------------------|---|

PARTE I – ARTIGOS

| | |
|--|----|
| SUSY GRUSS – Los poemas inéditos de Yehudá Haim Perahiá sobre el tema del Holocausto | 11 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| DOV COHEN – Uma aproximação à atividade literária do Capitão Barros Basto | 61 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| ANDREA CICERCHIA – Battesimi nascosti all’ombra del ghetto. Sant’Uffizio ed ebrei nello Stato pontificio della Restaurazione (1822-1825) | 99 |
|--|----|

| | |
|--|-----|
| AMÉLIA RICON-FERRAZ – A vida e obra de Ribeiro Sanches. <i>O Tratado da Conservação da Saúde dos Povos</i> | 123 |
|--|-----|

PARTE II – CRÓNICAS E ENTREVISTAS

| | |
|---|-----|
| ANA M. SANTOS PEREIRA – Colóquio Internacional de Estudos Inquisitoriais (<i>In</i>)tolerância, religião, poder e justiça, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 8 e 9 de Novembro de 2017 | 147 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| SUSANA BASTOS MATEUS – Memórias, autobiografias y versos de Fernando Pessoa. Una entrevista con la escritora mexicana Rosa Nissán | 151 |
|---|-----|

PARTE III – RECENSÕES

| | |
|--|-----|
| JAIME RICARDO GOUVEIA – Angelo Adriano Faria de Assis, Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz e Yllan de Mattos, <i>Um historiador por seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas</i> , São Paulo, Alameda, 2017 | 167 |
| CARLA VIEIRA – Carsten L. Wilke, <i>The Marrakesh Dialogues: A Gospel Critique and Jewish Apology from the Spanish Renaissance</i> , Leiden, Brill, 2014 | 172 |
| SUSANA BASTOS MATEUS – Joseph Shatzmiller, <i>Cultural Exchange: Jews, Christians, and Art in the Medieval Marketplace</i> , Princeton, Princeton University Press, 2017 | 175 |
| MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO – Anita Gonzalez-Raymond e Rafael Carrasco (ed.), <i>Las razones del Santo Oficio</i> , Montpellier, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2017 | 178 |
| Notas biográficas | 185 |
| Normas para submissão de artigos | 187 |

Joseph Shatzmiller, *Cultural Exchange. Jews, Christians, and Art in the Medieval Marketplace*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2017, 185pp. ISBN: 978-0-691-17618-5.

O presente livro constitui a primeira edição em *paperback* de uma obra publicada em 2013 na prestigiada colecção “Jews, Christians, and Muslims from the Ancient to the Modern World” da Princeton University Press, sob tutela dos editores Michael Cook, William Chester Jordan e Peter Schäfer. O livro de Joseph Shatzmiller inscreve-se num conjunto de estudos no âmbito da História Cultural que reivindicam a existência de amplas trocas culturais entre universos étnico-religiosos distintos, neste caso o judaico e o cristão no período medieval.

Shatzmiller parte de uma ideia concreta audaciosa e bastante inovadora: a tese de que, nos contratos comerciais estabelecidos entre indivíduos de diferentes religiões eram depositados, como forma de garantia, objectos pertencentes ao universo cultural (em sentido lato) do outro grupo em presença. Estamos, deste modo, perante uma inesperada forma de intercâmbio cultural e de circulação interreligiosa de cultura material. Uma vez que, com frequência, estes objectos pertenciam ao ambiente religioso, a situação ganha contornos ainda mais complexos. Refere o autor que “medieval Jews accepted Christian liturgical articles as securities” (p.1).

A leitura do livro é bastante veloz, uma vez que se encontra escrito de forma simples e ordenada, com diversos exemplos retirados de uma profusa base documental

e bibliográfica. Quanto à estrutura, a obra divide-se em três partes.

A primeira parte é dedicada a *Pawnbrokers: Agents of Cultural Transmission*. Este conceito é norteador de toda a obra e, como já referimos, estamos perante a afirmação do papel destes prestamistas, e do seu sistema de penhora de bens como garantia dos empréstimos de dinheiro efectuados, como agentes activos de fenómenos de transmissão e de intercâmbio cultural. Para analisar este problema, Shatzmiller conduz o leitor para os meandros do funcionamento do mercado medieval. Fazendo referência a fontes francesas e italianas, o autor sublinha os desafios e as dificuldades que se apresentam aos que pretendem encetar estes estudos: “scholars of pawnbroking must work hard to acquire some idea of the kind of objects that circulated in the marketplace. The difficulty results from the fact that many (perhaps most) transactions relied on oral agreements and (as mentioned above) were not backed up by written documents” (p. 10).

Uma janela para este mundo, suprimindo a falta de contratos escritos, acaba por ser a documentação legislativa, por exemplo a normativa que definia o intervalo de tempo em que o credor era obrigado a conservar os bens penhorados antes de os vender. A legislação urbana também regulamentava as formas de venda dos objectos não reclamados, até porque, em cortes, muitas vezes surgiam reclamações dos donos dos bens penhorados, queixando-se de que estes haviam sido vendidos antes do prazo estipulado. Esta pequena conflituosidade, ao nível do quotidiano do espaço do mercado, torna-se,

assim, promotora de documentação que serve para a análise dos investigadores nos nossos dias.

Shatzmiller utiliza alguns casos bem delimitados geograficamente, de forma a oferecer ao leitor uma panorâmica de objectos judaicos que podiam ser confiscados e, posteriormente, vendidos, em virtude de causas movidas pela justiça civil de locais como Manosque, na Provença, ou Palermo, na Sicília. Através destes estudos de caso, o autor traça uma primeira apresentação da tipologia dos objectos e, por outro lado, também do seu valor, concluindo que, apesar de em muitos casos se tratarem de judeus de uma condição social não muito elevada, às suas mãos poderiam chegar bens de valor e até de cariz luxuoso.

No capítulo segundo desta primeira parte, Shatzmiller entra na esfera religiosa, para mostrar a circulação e o intercâmbio de materiais litúrgicos através dos canais já mencionados. O crescimento do sistema creditício deu origem a uma proporcional necessidade de criar mecanismos de segurança e de garantia destes créditos. No caso dos empréstimos feitos por judeus a instituições cristãs torna-se particularmente interessante analisar os objectos que os religiosos ofereciam como garantia dos empréstimos pedidos.

Muitas vezes, pelo seu valor, eram livros que ficavam como garantia de determinadas transacções comerciais e, alguns documentos analisados pelo autor, incluem até a lista dos títulos. Algumas dessas obras podem mesmo ser ainda encontradas, em virtude de uma prática utilizada por quem os recebia: “We may safely assume that mos.Jews did not read

Latin at that time. In order to identify these books and avoid confusion they would in many instances write a short note on one of the pages of the book in Hebrew, identifying it and adding information about its owner and about the conditions under which the transaction took place” (p. 25).

Segundo as investigações de Shatzmiller, foi possível verificar que esta realidade de cruzamento de livros de carácter religioso não agradou a algumas autoridades rabínicas, como é o caso de Jacob Tam, rabino do Norte de França, que emitiu alguns decretos a proibir a “compra” de livros da igreja, por parte dos prestamistas judeus.

Do outro lado, o célebre abade Pedro de Cluny também mostrou a sua revolta pelas transacções em que se utilizavam bens litúrgicos, como missais ou saltérios, ou mesmo relicários, e outros objectos. Os numerosos casos que ilustram o livro expressam bem o quanto esta prática era corrente. Escreve Shatzmiller que “medieval Jews had more close and direct contact with churches and other Christian institutions than their modern descendants” e, apesar das críticas dos líderes religiosos de ambos os grupos “the market place had its own needs and demands, which meant that both Jews and Christians ignored, on the whole, the orders of their religious leaders” (p. 44).

No terceiro capítulo desta primeira parte, o autor verifica que estas práticas se estendem ao universo urbano da alta finança e que a entrega de objectos como garantia de empréstimos também se fazia na esfera dos negócios. Uma vez mais, Shatzmiller apresenta numerosos exemplos para suportar

as suas informações. Entre os vários casos citados, vemos o de Francesco Sforza, duque de Milão, que recorreu a avultados empréstimos de judeus de Ancona e, num contrato assinado em Maio de 1442, são enumeradas as peças penhoradas, entre as quais roupa sumptuosa, típica do guarda-roupa de príncipes. Alguns banqueiros judeus chegaram mesmo a receber, como garantia, coroas de príncipes: “in the second half of 1346, a certain German Jew named Pfefferkorn had in his possession in Wassertrüdingen the crown of Prince Stephan “the old” of Bavaria” (p.52).

Com todas estas trocas e posses de objectos da cultura cristã não é de estranhar que as consequências se reflectam na estética e, assim o defende o autor, alguns judeus “engaged in stylistic borrowing from the environment while others who could afford it asked Christians to produce liturgical objects that were in accordance with their religious laws and special sensitivities” (p.58). Trata-se então de uma forma muito clara e mais profunda de trocas culturais.

A segunda parte do livro, *Human Imagery in Medieval Ashkenaz*, centra-se precisamente na zona central da Europa e na aquisição do gosto pela arte figurativa por parte dos judeus alemães. Mais uma vez, são numerosos os exemplos apresentados, muitos deles provenientes de importantes manuscritos iluminados. Os exemplos que chegaram até nós mostram como esta questão gerou conflituosidade e algumas atitudes de cariz iconoclasta: por um lado, pela dificuldade e ambiguidade de representação da forma humana; por outro, pela presença evidente

de censuras em algumas imagens.

Na terceira parte do livro o autor aprofunda ainda mais as formas como estas trocas culturais se efectuaram no espaço do mercado: *At the Marketplace. Professionals at the Service of the “Other”*. A investigação de Shatzmiller coloca a tónica na colaboração entre cristãos e judeus ao nível artístico e na decoração de manuscritos, referindo “did these Jewish painters collaborate with their Christian counterparts? Were some of them present in the workshops of their colleagues, giving them access to the models that were found there? Collaboration must have existed (...)” (p. 116). Parte dos exemplos apresentados pelo autor evidencia a forma como, muitas vezes, a produção de importantes manuscritos hebraicos iluminados contou com a participação directa de cristãos.

Como reverso da medalha, a documentação consultada também mostra como muitos artesãos judeus, de diferentes especialidades, participaram – apesar das proibições – na ornamentação das igrejas cristãs. Entre os exemplos citados encontra-se o caso dos artesãos do coral siciliano, os *coralerii* que, sobretudo a partir do século XIV, se envolveram no fabrico e comercialização de rosários.

Esta obra é um inovador e importante contributo que mostra bem como nas relações aqui apresentadas entre judeus e cristãos, estaríamos perante um nível de colaboração e de porosidade de fronteiras muito maior do que se poderia esperar. Seguindo as pistas deixadas pelas transações praticadas num espaço de mercado em franca expansão, Shatzmiller procura demonstrar

como a fronteira religiosa não impedia uma verdadeira troca cultural, uma influência directa nos gostos e na criação artística de ambos os grupos.

Trata-se essencialmente de verificar o impacto e as influências sobre a comunidade judaica mas, principalmente na terceira parte do livro, torna-se claro também o movimento em sentido inverso. Com as suas próprias especificidades, mormente nas últimas décadas do século XV, seria interessante utilizar a conceptualização e o método analítico aqui expresso para analisar mais profundamente a realidade da Península Ibérica e das relações entre judeus e cristãos antes da época das expulsões e conversões forçadas.

SUSANA BASTOS MATEUS

CIDEHUS / UÉvora

Cátedra de Estudos Sefarditas

Alberto Benveniste

CEHR / UCP

Anita Gonzalez-Raymond y Rafael Carrasco (eds.), *Las razones del Santo Oficio*, Montpellier, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2017, 300pp. ISBN: 978-2-36781-252-6

Um livro como programa de investigação. Este desígnio poucas vezes aparece enunciado em obras colectivas, onde a diversidade de trajectórias pessoais e de inquietações intelectuais facilmente permite a submersão dos enunciados teóricos que, na origem, puderam presidir à sua elaboração. Que os editores de *Las razones del Santo Oficio*

tenham alimentado essa vontade e que, adicionalmente, a tenham assumido com especificação programática é de louvar, em tempos em que um título pode, por si só, servir de pretexto para a reunião de autores consagrados com temas mais ou menos conexos.

Ao invés, o que encontramos é um conjunto de contributos que se notabiliza pela seriedade com que os autores encararam a proposta dos editores e que, na ausência de um texto de apresentação comum, se expressa com directa claridade no contributo de Rafael Carrasco intitulado *El cómo y el porqué del Santo Oficio*. O artigo de abertura da obra não só dilucida o leitor quanto ao âmbito cronológico em apreço – que é, incidentalmente, ele mesmo marco teórico –, como o situa face ao reposicionamento do debate que pretende inaugurar. Para Carrasco, direccionar o questionário ao período fundacional (definido entre a criação da Inquisição moderna em 1478 até à crise das *Comunidades* e das *Germanías*) significa redimensionar a problemática de uma análise sobre a prioridade imediata e original do tribunal – a questão *judeoconversa* – para os motivos sobre a sua continuidade uma vez esgotado o filão inicial. Neste movimento, em que o enfoque sobre a utilidade do Santo Ofício é transferido da sua necessidade inicial para as possibilidades da sua necessidade ou para a sua utilidade futura, as “razões” da sua instituição adquirem outra espessura, pois neste contínuo é a entidade instituidora que emerge como garante da não-transitoriedade do tribunal: a monarquia, numa “decisión política” (p. 13), numa “estrategia de dominación cuyos conceptos clave son el